

Valéria, lugar outrora orgulhoso pelo prenúncio de um progresso acelerado, mas parece hoje uma pedra de gelo que se derrete sob a ação do tempo. O "Flor de Valéria", situado na rua da Matriz (a principal) perdeu e reboliço constante, a sigazarra, as farras diárias dos homens vindos do trabalho na "capital". O período crítico de gradativa decadência afastou-os do lugar, assim como a escuridão monótona enxotou a mentinada que brincava, à noite sobre o pedestal da cruz, defronte da igrejainha.

De cabelos grisalhos, óculos de lentes escuras, atrás das quais se escondem olhos negros, um velho morador lembra a década de 1920 quando o governador Antonio Aragão resolveu construir uma estrada ligando a capital à cidade de Feira de Santana, passando por Valéria. A movimentação era intensa, o comércio passou a crescer assustadoramente. O lugar prometia progresso. Muita gente chegava para residir ali.

SÓ UM SONHO

O tempo passava e com ele Valéria crescia. Certo dia a população foi surpreendida com a notícia de que a estrada de Feira iria deixar de passar por ali. Foi o caos. Posta em prática essa medida o lugar estagnou, mas continuou de pé na esperança de receber melhoramentos de Lauro de Freitas, a quem pertencia. A Prefeitura Municipal de Lauro de Freitas instalou um posto de arrecadação, prefeitos eleitos puseram energia e colocaram cascalho na estrada já obsoleta.

Tudo ia muito bem, a esperança ainda reinava entre os moradores, até que no dia 25 de setembro de 1969 a Câmara dos Deputados aprovou projeto desligando Valéria do município de Lauro de Freitas e anexando-o à Prefeitura Municipal do Salvador, na condição de subúrbio. A íntegra do projeto foi publicada no Diário Oficial dois dias depois.

O chefe do Executivo de Lauro de Freitas, insatisfeito com a pretensão da Prefeitura de Salvador, recorreu ao Supremo Tribunal, continuando a receber as arrecadações de Valéria, sem contudo mover uma palha em seu benefício, com medo de perder no recurso e ter que restituir toda a verba. Nem um lado nem o outro ajudava o lugarejo, que assistia impassível ao progresso esmorecer.

PALAVRAS SÃO PALAVRAS...

Valéria só foi entregue à Prefeitura de Salvador no mês de março desse ano pelo prefeito nomeado de Lauro de Freitas (esse município passou a integrar a área de segurança nacional). Um morador disse que o recurso do ex-chefe do Executivo de Lauro de Freitas ainda não foi julgado. Conta-se em Valéria que no dia 2 de setembro de 1970 o governador mandou armar um palanque no adro da pequenina igreja, subiu nele garbosamente, cerrou os punhos, ergueu os braços e fez uma centena de promessas, garantindo instalar um moderno sistema de abastecimento d'água, levar lâmpadas nos postes, posto médico, entre outras coisas.

Um fato interessante é que o governador chegou a afirmar, — segundo o dono da Barbearia São Jorge — que se não cumprisse com as promessas o povo poderia se reunir e publicar o fato na imprensa. Disse ainda o barbeiro que no ano passado um grupo de técnicos esteve fazendo um levantamento topográfico para a instalação do serviço de abastecimento de água no mês de fevereiro desse ano. Entretanto nunca mais voltaram.

Valéria é realmente um subúrbio desprezado e esquecido, sendo — ao que se sabe — o pior e o mais subdesenvolvido. Sua composição social iguala-se a pequenos distritos das cidades do rústico sertão baiano. As fábricas localizadas nas proximidades, principalmente no Centro Industrial de Aratu, assimilam boa parte da mão de obra local, mas é em Salvador (no comércio e indústrias) que se encontra um maior número de pessoas trabalhando.

Esses últimos empregados, ao lado dos estudantes, sofrem com a falta de transporte coletivo. A Empresa Ipiranga, única que faz a linha, coloca apenas dois ônibus no percurso. Em consequência disso, filas enormes se formam cujos passageiros esperam até três horas por um veículo. E o pior é que quando este chega, além de ser insuficiente, tem que ir até o CIA para então depois retornar a Salvador. Isso obriga muita gente a chegar atrasada no trabalho e perder aulas, além de outras obrigações.

Um estudante lamentou que estuda no Colégio Militar, mas nunca chega no horário, sendo que muitas vezes é obrigado a voltar porque o porteiro não o deixa entrar no estabelecimento naquele horário. Disse, inclusive, que sai do colégio antes das 18 horas e só consegue chegar a sua casa às 22 horas, por falta de transporte. Quando não encontra meios de ir para casa ele é forçado a dormir na casa de uma tia. "O negócio é que o último horário é 8h40m e quando lota o jeito é ficar" — salientou.

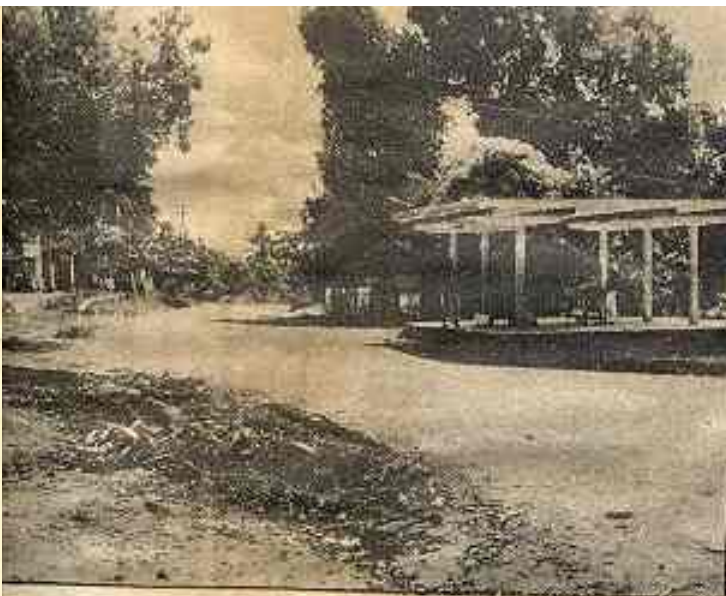
Comenta-se em Valéria que o secretário de Administração Municipal, Fernando Fontes, esteve ali no dia 8 de março do ano passado e prometeu solucionar o problema da insuficiência de ônibus, dizendo que tomaria as providências no sentido de colocar outra empresa para fazer a linha. E até hoje...

ENSINO PRECÁRIO

Praticamente não há ensino em Valéria. As professoras deixam de ir dar aulas por falta de transporte, quando não chegam atrasadas no colégio. E há outra coisa: se a professora acha uma carona não vacila, arruma seus livros, dispensa os alunos e vai embora. O setor de saúde é pior ainda, um médico, só vai ali duas vezes por semana, atende no próprio carro, pois não há posto médico. E quando chove, ele nem lá aparece. O dentista também faz a mesma coisa, segundo os moradores. O povo está pensando em arranjar uma sala para servir de posto médico.

Em Valéria também não há policiamento, o que facilita a ação de ladrões e marginais. Hoje em dia ninguém se arisca a sair à noite no subúrbio abandonado. Antes as crianças brincavam no pedestal da cruz; hoje não. As duas estradas que ligam o lugar a BR-324 estão praticamente intransitáveis, com verdadeiras crateras em toda sua extensão. Quando chove a lama acumula e quando faz sol a poeira se espalha. O governador também prometeu pavimentá-las.

Muita gente colocou placas anunciando estar disposta a vender sua casa, assim como lotes e granjas. Mas não adianta porque ninguém aparece para comprá-los. O Sr. Walfrido, Gonçalves da Cruz, morador da rua Conde de Porto Alegre, 259 — 1º andar, no bairro do IAPI, disse que vende o metro quadrado dos seus cinco lotes a Cr\$ 5,00. Ante toda essa situação, a população de Valéria não entende, porque a Prefeitura de Salvador interessou-se tanto pelo lugar e o deixa ao abandono. Ninguém respondeu até hoje essa pergunta.



Valéria, um Sonho Apenas de Progresso

